

CARTOGRAFIA E COMBATE NAVAL NA RECONQUISTA DO RIO GRANDE: 19 DE FEVEREIRO DE 1776

CARTOGRAPHY AND NAVAL COMBAT IN RECOVERY OF RIO GRANDE: February 19th, 1776.

Luiz Carlos Tau Golin

Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Brasil.

Coordenador do Núcleo de Documentação Histórica, do Núcleo de Pré-História e Arqueologia, e do Laboratório de Cultura Material e Arqueologia.

golin@upf.br

RESUMO

Em 1774, o gabinete de José I elaborou o plano de guerra para recuperar as terras perdidas para a Espanha na América Meridional, na expedição comandada por Pedro de Cevallos, governador de Buenos Aires, em 1763. Através do maior esforço de guerra no período colonial, com a mobilização de recrutamentos e recursos na Europa, Brasil e África, foram constituídos o Exército do Sul e a Esquadra do Sul. Em 1775, algumas embarcações de guerra conseguiram ingressar no canal do Rio Grande e se juntar a pequena flotilha da lagoa dos Patos. Realizados os preparativos para o assalto às fortificações castelhanas, em 19 de fevereiro de 1776, a esquadra luso-brasileira entrou no canal para fortalecer a força naval destinada à guerra. Colocada sob o comando do irlandês Robert Mac Douall, travou o principal combate naval. Entretanto, seu plano e liderança foram questionados. Ao mesmo tempo, no período, produziu-se relevantes trabalhos cartográficos, ilustrativos das operações e da vitória final portuguesa, em abril de 1776.

PALAVRAS-CHAVE: Esquadra do Sul, combate naval, cartografia da guerra de 1776.

ABSTRACT

In 1774, the office of Joseph I prepared the plan of war to recover the lost lands for Spain in South America, in the expedition commanded by Pedro de Cevallos, governor of Buenos Aires, in 1763. Through the larger war effort during the colonial period, with the mobilization of recruitments and resources in Europe, Brazil and Africa, were formed the Army of the South and the fleet of the South. In 1775, some ships of war could join the channel of the Rio Grande and join the small flotilla of Patos' lagoon. Made preparations for the assault on the Castilian fortifications, in 19th february of 1776, the luso-Brazilian fleet entered the channel to strengthen naval force destined for war. Placed under the command of Irish Robert Mac Douall, fought vigorously the main naval combat. However, its plan and leadership were questioned. At the same time, in the period, it was produced relevant cartographic work, illustrative of the operations and the final Portuguese victory, in april 1776.

KEYWORDS: Fleet of the South, naval combat, war's cartography of 1776.

1. Situação geopolítica.

O dia 19 de fevereiro de 1776 pode ser considerado como o momento da verdade sobre a participação da Esquadra do Sul na guerra luso-brasileira para a expulsão dos espanhóis e hispano-americanos do Continente do Rio Grande de São Pedro. De certa forma, nesta data já se pode intuir a futura postura de seu comandante, o irlandês Robert Mac Douall, diante da ocupação de Santa Catarina e Colônia do Sacramento pela Esquadra Espanhola, em 1777, na expedição liderada por Pedro de Cevallos, vice-rei do Rio da Prata.

Desde a constituição da força naval lusitana, em 1774, creditava-se a ela o lugar estratégico indispensável na expedição combinada com o Exército do Sul pelo domínio das terras em disputa na América meridional. Ambas forças reuniam tropas da Europa, dos Açores e das principais capitanias brasileiras. Na América lusitana, os esforços eram de mobilização total, com recrutamentos compulsórios.

No início de 1775, o tenente-general Johann Heinrich Böhm (1708 – 1783), natural de Bremen (Alemanha), que se encontrava no Brasil desde 1767 para adequar o exército colonial às reformas do conde Lippe, chegou à margem norte do canal do Rio Grande. A serviço de José I, aportuguesou o seu nome para João Henrique de Boehm. Ao longo da costa,

organizou seus efetivos e estabeleceu o estado-maior. O marquês de Pombal deu-lhe poderes militares e administrativos no Continente, preterindo o oficialato português. Além dos regimentos que cobriam toda a fronteira das águas, constituída pelo canal, lagoa dos Patos, Guaíba e Jacuí, estava sob seu comando uma flotilha para operar nas águas internas do “mar de dentro”.

Entretanto, o gabinete português havia concebido um plano de guerra convencional, com tropas de desembarque no território meridional do canal do Rio Grande, dominado pelos castelhanos na expedição de 1763, liderada por Pedro de Cevallos, então governador de Buenos Aires. O assalto, por óbvio, antes precisaria vencer a esquadra espanhola fundeada em locais estratégicos no canal, no saco da Mangueira e na lagoa dos Patos, além de sobreviver ao constante fogo de artilharia pesada e metralha dos fortes e baterias, conquistados, ampliados ou edificadas pelos castelhanos. Por essa razão, toda operação dependia da intrusão de embarcações de guerra, com significativo poder de fogo, no canal.

Para exercer missão naval de tal envergadura, Portugal precisou organizar verdadeiramente a marinha brasileira, com naus e fragatas de grande porte, que pudessem patrulhar a costa desde o Rio de Janeiro ao Rio da Prata, protegendo também a Colônia do Sacramento. O almirantado inglês chancelou um de seus oficiais para o comando. Contratado pelo marquês de Pombal, o irlandês Robert Mac Douall chegou à baía da Guanabara em agosto de 1774, a bordo da nau *Nossa Senhora de Nazareth*, apresentando-se ao vice-rei marquês do Lavradio. Até fevereiro de 1776, parecia o senhor da guerra. Nas reuniões com o vice-rei e Boehm mantinha-se numa arrogância inatingível. Todavia, nas operações de patrulhamento e na convivência com os demais oficiais, os estranhamentos surgiram. Boehm, que abominava estrategistas que não consideravam o espaço territorial da guerra, classificava suas interjeições como ficção. Crítica que, às vezes, estendia a Lavradio e a Pombal.

2. Formações da Esquadra do Sul.

Para ingressar na barra e navegar no canal, a esquadra, inicialmente formada para o Atlântico, precisava substituir parte de suas embarcações por outras de calado adequado. Por isso, reuniu-se a cartografia naval e informações de práticos. No período, o *Mapa do Rio Grande*, com informações dos últimos anos era a carta náutica referencial. Nela, estavam delineados a barra – com marcações não confiáveis –, os canais de navegação, o Saco da Mangueira, as campanhas do sul e do norte, a Fortificação e a Igreja do Estreito, a Fortaleza do porto, o Corpo da Guarda, a Casa da pólvora, os Quartéis, os Armazéns, as casas dos moradores e a estacada do porto. A variação dos bancos de areia da barra implicavam em relativizar as plotagens de entrada, cabendo aos práticos o acompanhamento de suas mutações.

Em correspondência a Lavradio, Mac Douall concluiu que as embarcações não poderiam demandar “mais de 14 palmos de água [3,08 metros de calado], porque o rio não admite embarcações de maior fundo, segundo as informações que os práticos deram a Antônio Januário”, oficial que fez a batimetria para a entrada da esquadra.

A adequação era necessária porque a Esquadra do Sul, em sua primeira formação, com naus e fragatas, destinava-se ao oceano. Possuía 11 embarcações principais. À frota, outras embarcações eram agregadas temporariamente, ou desmembravam-se em flotilhas para missões temporárias. No início de 1776, concentraram na ilha de Santa Catarina, objetivando a reconquista do Rio Grande. Porém, em condições especiais de maré alta, ventos e nível da água na lagoa dos Patos, talvez somente duas ou três pudessem passar a complicadíssima barra. As naus embarcavam de 400 a 500 homens; cada uma comportava de 58 a 62 canhões. As guarnições das fragatas reuniam de 250 a 300 homens; municavam de 32 a 44 canhões.

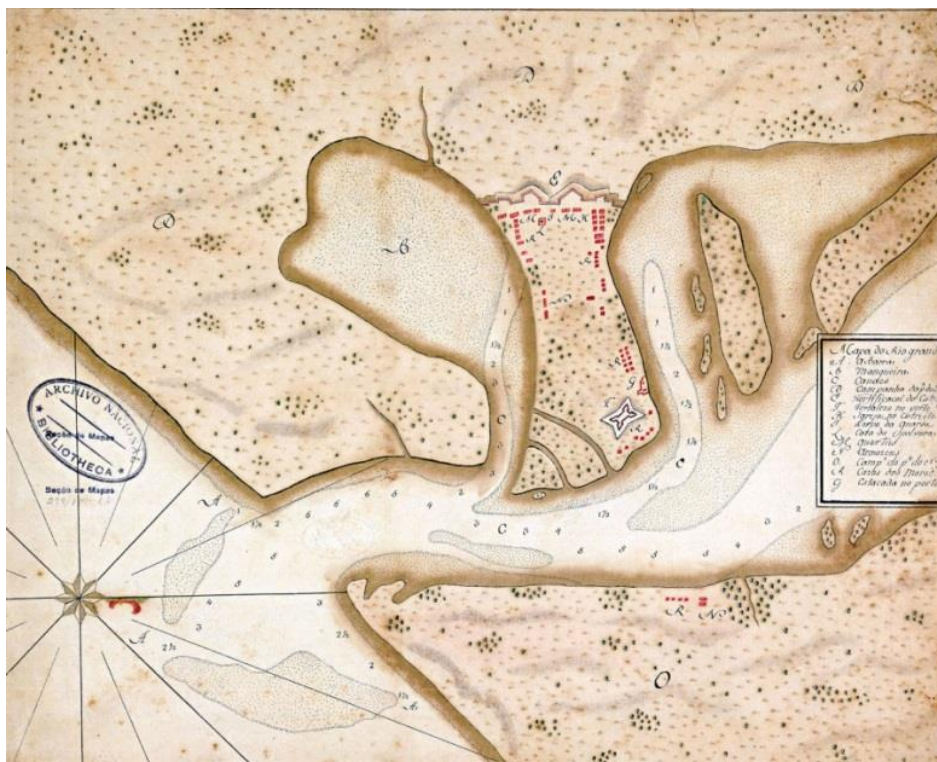


Fig. 1. Mapa do Rio Grande. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

Esquadra sob o comando de Robert Mac Douall, concentrada em Santa Catarina, destinada ao socorro do Rio Grande. Início de 1776.				
Tipo de embarcação	Nº	Denominação	Canhões	Contingentes Marinharia e tropas
Naus	4	<i>Santo Antônio</i>	62	500
		<i>Nossa Senhora dos Prazeres</i>	62	500
		<i>Nossa Senhora da Ajuda</i>	60	400
		<i>Nossa Senhora de Belém</i>	58	440
Fragatas	7	<i>Nossa Senhora de Nazaré</i>	44	300
		<i>Nossa Senhora da Graça</i>	44	300
		<i>Príncipe do Brasil</i>	36	250
		<i>Nossa Senhora da Assunção</i>	32	300
		<i>Nossa Senhora da Glória</i>	32	300
		<i>Princesa do Brasil</i>	32	280
		<i>Nossa Senhora da Graça Divina</i>	32	250
TOTAIS	11		494	3.820

FONTE: MADRE DE DEUS, Manuel da. [suposto autor] *Diário da esquadra que saiu de Lisboa a 30 de janeiro de 1775 para o Rio de Janeiro e de lá para a concentração de Santa Catarina, destinada ao socorro do Rio Grande, sob as ordens de Roberto Mac Douall*. Portugal: Biblioteca Pública de Évora.

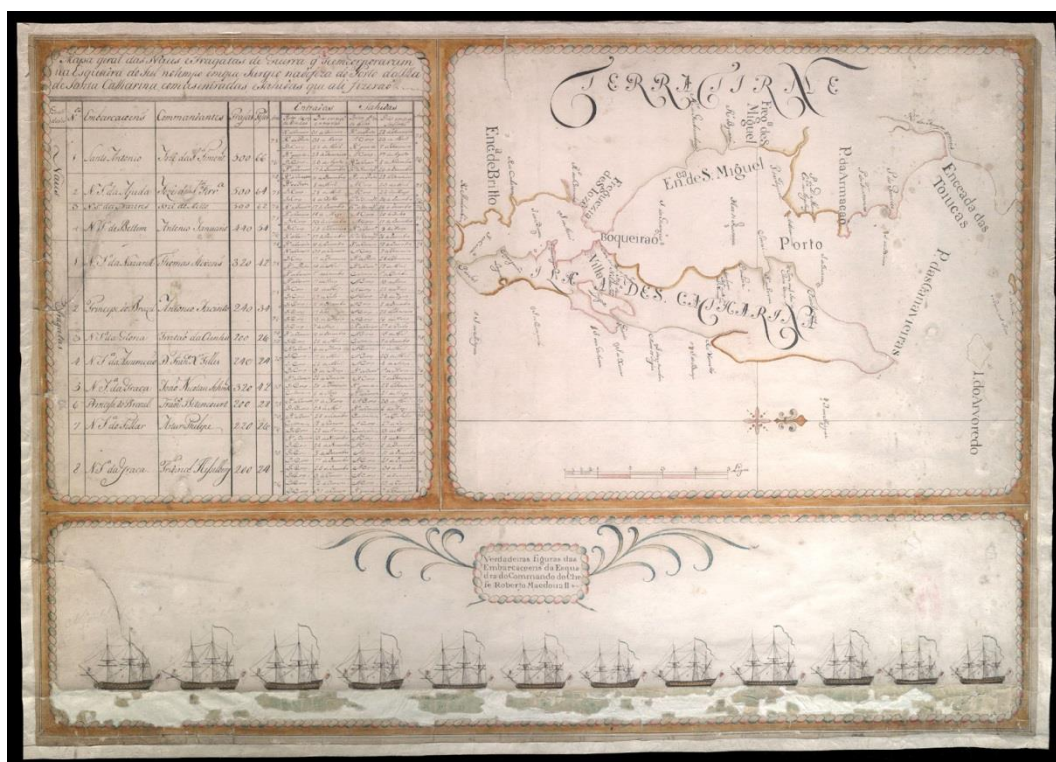


Fig. 2. Mapa geral das Naus e Fragatas de Guerra que se incorporaram na Esquadra do Sul no tempo em que surgiu na defesa do Porto da Ilha de Santa Catarina, com as entradas e saídas que ali fizeram. Verdadeiras figuras das embarcações da Esquadra do comando do chefe Roberto Macdouall. Atribuído a José Custódio de Sá e Faria. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

Cartográfica e iconograficamente existem dois documentos importantes sobre a concentração da Esquadra do Sul em Santa Catarina, com os registros das embarcações entre 1774 e 1776. Em ambos, constam os mapas da Ilha, as ilustrações das quatro naus e sete fragatas principais, aplicáveis em operações no mar, e os quadros de controle, com a denominação dos comandantes, os números de tripulantes, as capacidades de fogo pela quantidade de canhões a bordo, as datas de chegada e saída, os portos de procedência e os lugares de destino. No *Mapa geral das Naus e Fragatas de Guerra...*, atribuído a José Custódio de Sá e Faria, com dados similares aos de Madre de Deus, estimava-se a força naval luso-brasileira em torno de 3.880 homens, com a artilharia de 492 canhões. O original encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Com dados semelhantes, a Casa de Ínsua, em Portugal, possui igualmente um *Mapa das Naus e Fragatas de guerra...*

Fig. 3. Mapa das Naus e Fragatas de guerra Portuguezas q' se emcorporaraó na Esquadra do Sul, no tempo em que Surgio no Porto de S.^{ta} Catharina, com as entradas e sahidas, q' fizeraó do d^o Porto. Verdadeiras figuras das naus e fragatas Portuguezas q' se emcorporaraó na Esq.^a do Commando do Chefe Roberto Macdouall. Casa de Ínsua, Portugal.



No espectro das embarcações inseridas na Esquadra foram sendo selecionadas e agregadas aquelas em condições de calado para combater no canal do Rio Grande. As demais ficavam patrulhando a costa. No início de fevereiro de 1776, Robert Mac Douall e Lavradio concluíram que 11 embarcações principais expressavam força naval capaz de realizar a missão, com a nau *Santo Antônio* como capitânia permanecendo no Atlântico, na área de cobertura da barra do Continente. Na documentação da época, uma mesma embarcação, dependendo do autor, era classificada como fragata ou corveta devido as suas semelhanças.

Conforme Madre de Deus, na formação para o “mar de dentro” do Continente do Rio Grande de São Pedro, a fragata *Nossa Senhora da Graça Divina*, comandada pelo capitão-tenente Frederico Kassalberg, embarcava guarnição de 200 homens, armava 32 canhões, calibre 8; a fragata *Nossa Senhora da Glória*, liderada pelo capitão-de-mar-e-guerra Antônio José Pegado, com 90 tripulantes, municiava 14 canhões de calibre 4, e 8, de calibre 6; a corveta *Nossa Senhora da Vitória*, entregue ao capitão-tenente José Correa de Mello, com 90 artilheiros, e 6 canhões, de calibre 3; a corveta *Nossa Senhora da Penha de França*, tenente-de-mar Agostinho da Rosa Coelho, 80 homens, 8 canhões, de calibre 4. Nesta formação foram introduzidas três sumacas: a *Nossa Senhora Monte do Carmo*, comandada pelo tenente-de-mar Bernardo Ribeiro; a *Bom Jesus*, pelo tenente-de-mar Francisco Lopes Xavier; a *Nossa Senhora de Belém*, pelo tenente-de-mar José Maria de Medeiros. Todas com 70 homens e 10 canhões, calibre 4 libras. O bergantim *Nossa Senhora do Bom Sucesso*, primeiro-piloto Manuel da Silva Duarte, 40 homens, 8 canhões, de calibre 3; a chalupa *Expedição*, Jerônimo da Silva Pereira, 70 homens, 12 canhões, de calibre 6. E mais duas embarcações pequenas, sem denominação de classe. Perfazia uma força de 780 homens, com 118 canhões.

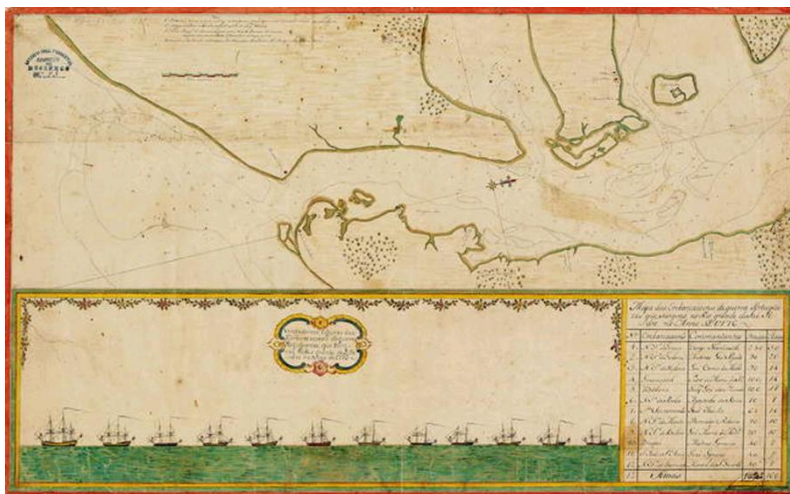
Os registros atribuídos a Manuel da Madre de Deus divergem um pouco de José Correia Lisboa, primeiro-piloto da corveta (fragata) *Nossa Senhora da Penha de França*, expressos no seu *Mapa das embarcações que compuseram a armada naval, que saiu da Ilha de Santa Catarina no dia 6 de fevereiro de 1776 para o Rio Grande de São Pedro, dirigida e comandada por Roberto Mac Douall, chefe da Esquadra do Sul, e entraram no dia 19...* Lisboa destacou as nove embarcações de maior porte. Na sua relação, a fragata *Nossa Senhora da Glória* (comandante capitão-de-mar-e-guerra Antonio José Pegado), com 14 canhões, calibre de 4 libras; 60 tripulantes e 30 infantes. Fragata *Nossa Senhora da Graça* (capitão-tenente Frederico Kasselberg): 22 canhões, de calibre 8; 150 tripulantes; 50 infantes. Corveta *Nossa Senhora da Vitória* (capitão-tenente José Correia de Melo): em torno de 6 canhões, calibres de 4 e 6 libras; 60 tripulantes; 30 infantes. Corveta *Nossa Senhora da Penha* (tenente-de-mar Agostinho da Rosa Coelho): 8 canhões, calibre 6; 45 tripulantes; 25 infantes. A sumaca *Nossa Senhora do Monte* (tenente-da-armada Bernardo Ribeiro): 10 canhões, calibre 4; 45 tripulantes; 25 infantes. Sumaca *Bom Jesus* (tenente-da-armada Francisco Lopes Xavier): 10 canhões, calibre 4; 45 tripulantes; 25 infantes. Sumaca *Nossa Senhora de Belém* (tenente-de-mar José Maria de Medeiros): 10 canhões, calibre 4; 45 tripulantes; 25 infantes. Bergantim *Bom Sucesso* (primeiro-piloto Manoel da Silva Duarte): 8 canhões, calibre 3; 30 tripulantes; 10 infantes. Chalupa *Expedição* (tenente-de-mar Jerônimo da Silva): 12 canhões, calibre 6; 70 tripulantes. Nos registros de Lisboa, a flotilha totalizava poder de fogo de 110 peças de artilharia e 770 homens embarcados.

3. No quadrante da guerra.

A 6 de fevereiro de 1776, a nau capitânia *Santo Antônio* puxou o comboio. Depois de problemas na passagem pela Ponta dos Afogados, entre o sul da ilha de Santa Catarina e o continente, dificuldades de ventos e navegação no Atlântico, somente no dia 14 de fevereiro de 1776, as embarcações se aproximaram da barra do Rio Grande. Cumprindo o procedimento de quem chegava do norte, o comandante mandou ancorar a espera da previsão de mudança do quadrante do vento para que pudessem realizar a operação de ingresso na barra.

Similar aos dois outros documentos iconográficos da Esquadra, o que trata da formação destinada ao “mar de dentro” - *Mapa das embarcações de guerra portuguesas que surgirão no Rio Grande de São Pedro no anno de 1776...* - é de qualidade estética inferior.

Fig. 4. *Mapa das embarcações de guerra portuguesas que surgirão no Rio Grande de São Pedro no anno de 1776.* Ilustração das embarcações com a legenda *Verdadeiras figuras das embarcações de guerra portuguesas, que surgirão no Rio Grande de S. Pedro no anno de 1776.* O mapa, de 43 x 68 cm, foi estudado pelos investigadores João Garcia e André Ferrand de Almeida, e catalogado por Nuno Pedro. Na nota explicativa consta possuir “marca de água D. & C. Blauw. Natureza do documento, segundo classificação definida pela DSE: operações militares; fortificações. Carimbos: Commando Geral d’Engenharia (93); (Lisboa) Direcção da Arma de Engenharia. - Cota antiga: A4; G1; P4; N°93 (v2726).



Assim que a esquadra ancorou próximo à barra, uma lanchinha partiu da costa conduzindo três práticos ao fundeadouro para se somarem aos chegados de Santa Catarina. Curiosamente, Mac Douall começou a difundir junto aos demais comandantes e oficiais a tese, apenas baseado deduções, que os espanhóis não atacariam. Afirmava que as embarcações passariam incólume até o ancoradouro do Patrão-Mor, onde se juntariam à flotilha da lagoa dos Patos. Apenas por precaução navegariam em formação de combate, com ordem de dispararem somente se sofressem o fogo do inimigo.

A esquadra espanhola estava fundeada no canal com um criativo e pragmático sistema de regeiras na água – as quais permitiam que girassem conforme a necessidade –, além de manterem cabos fixados em terra. Com o uso das regeiras, as tripulações faziam as embarcações girarem através de espias passadas pelas âncoras. Individualmente colocavam um cabo na proa e outro na popa. Mediante a tração neles, posicionavam a embarcação no ângulo desejado. Com o uso das regeiras e de cabos fixados em terra, as embarcações castelhanas permaneciam ligadas umas às outras, mantendo a forma, além de se aproximarem ou se afastarem da costa, conforme a exigência do combate, pela engrenagem de cabeamento. Sem precisarem navegar, na verdade, constituíam impressionantes “plataformas” de artilharia e infantaria embarcadas.

4. O plano de Mac Douall.

Sem considerar a formação do inimigo, Mac Douall projetou uma alternativa de reação, caso fosse atacado, em que as embarcações luso-brasileiras, ao invés de ir oferecendo combate ao “primeiro inimigo”, desfilariam frente às “plataformas” para chegar, primeiro, na sua retaguarda, “emparelhar”, ancorar no canal, para depois deflagrar o grosso da artilharia. Temeridade maior: as fragatas, corvetas e sumacas, antes, passariam pela esquadra castelhana e atingiriam as suas posições prescritas, com o inimigo pelo seu bombordo (esquerda), mas, ao lançarem âncora, fariam uma inversão de 180°, por efeito do vento, ficando emparelhadas por boreste (estibordo – direita). Portanto, o bordo de chegada encontrava-se pouco municiado. Como “a banda de estibordo é a que há de ficar fronteira ao inimigo, com quem se deve emparelhar”, Mac Douall determinou que este era o lado que a artilharia estaria “carregada com bala e prevenida para aproveitar a primeira descarga com bom efeito.” A condição de alvo passivo decorria da rigidez de outra determinação: “nós não seremos os primeiros agressores, nem se dará fogo sem o sinal posto.” Ou seja, a esquadra desfilaria esquematicamente formada, e mesmo que o inimigo a alvejasse, revidaria o fogo somente depois da ordem do comando e nas posições determinadas.

No plano de Mac Douall, caso fosse deflagrado o combate naval, as embarcações fariam as seguintes manobras:

1. A chalupa *Expedição* ingressaria na vanguarda. Seu alvo seria o Forte do Mosquito. Combateria com ele para que as demais embarcações pudessem passar.
2. A fragata *Graça* navegaria até a capitânea espanhola, posicionada como a quarta embarcação em linha.
3. A corveta *Victória* acompanharia a *Graça* para atacar a terceira embarcação.
4. A fragata *Glória* seguiria a corveta *Victória* e enfrentaria a segunda embarcação castelhana.
5. A corveta *Penha*, atrás da fragata *Glória*, combateria com a primeira.
6. A sumaca *Bom Jesus* seguiria a *Penha* até chegar a primeira inimiga, cruzaria toda a flotilha a sua frente, e atacaria a última.
7. A sumaca *Monte* ficaria em reserva e substituiria a que não pudesse eventualmente executar a sua missão.

8. A sumaca *Belém* enfrentaria alguma outra embarcação que não estivesse relacionada, caso aparecesse, ou iria auxiliar a chalupa *Expedição* no bombardeio do Forte do Mosquito.

9. O bergantim *Bom Sucesso* ficaria também em reserva para socorrer quem precisasse.

Mac Douall asseverou que conservassem “exatissimamente o lugar que lhe está reservado”.

A concepção esquematicamente simétrica do plano, em alguns aspectos, parecia devaneio. A ilusão de uma vitória arrasadora caso houvesse combate foi transcrita pelo piloto José Correia Lisboa: depois do inimigo rendido, haveria o estímulo do *bando* do vice-rei sobre o direito de saque. Mac Douall lembrava a tripulação de que ele fora proclamado à moda inglesa, cabendo ao Estado somente “a artilharia e armas de guerra.” O resto, inclusive as embarcações aprisionadas, seria partilhado em cotas pela tripulação.

5. Sondagem da barra.

Tudo seria simples elocubração se o plano não fosse colocado em prática com seus complementos desastrosos. Sua primeira operação teria consequência dramática. Mac Douall mandou “despejar a aguada da fragata *Graça*” e transferir para “o porão a artilharia”. Na verdade, somente a água tinha implicação na diminuição do calado. Aquela medida “preventiva” para passar entre os bancos de areia da barra, mais tarde, no entanto, demonstraria seu equívoco.

Considerando concluída essa primeira fase de preparação, pelas 11h, de 15 de fevereiro de 1776, Mac Douall, após inspecionar pessoalmente os trabalhos na *Graça*, embarcou no seu escaler e, com dois práticos, foi sondar a barra. Percorreu todos os bancos submersos. Depois seguiu para o forte do pontal do norte, na margem dominada pelo Exército do Sul. Chegou em terra às 13h. Um soldado dragão o acompanhou até o quartel do tenente-general Bohem.

Segundo Boehm (Carta ao vice-rei, 23 de fevereiro de 1776), ele “me surpreendeu. Sustentou, com toda a segurança, que os espanhóis fugiriam, à vista de sua numerosa esquadra; ou, pelo menos, que eles o respeitariam o bastante para não atirar sobre ele quando quisesse entrar” na barra. E nessa dedução, “pediu-me que não atirasse sobre os espanhóis, o que lhe prometi, aconselhando-o, contudo, a esperar um combate à sua entrada.” Além disso,

Falando-lhe dos pequenos barcos para atravessar a infantaria, ele me prometeu que quando os navios se aproximassem do Lagamar, deviam pôr todas as chalupas à minha disposição, para que lá não me faltassem meios para colocar do outro lado do rio [canal] duas companhias de granadeiros, a saber: a do Regimento de Extremoz e a do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, sob as ordens do major Manoel Soares Coimbra, com o objetivo de tomar na mesma noite o Forte do Mosquito. Como esta empresa fora planejada em segredo, há muito tempo, o plano estava pronto e o pessoal escolhido, à mão, para o serviço de jangadas, botes e lanchas das sumacas no Lagamar.

Conforme Boehm, Mac Douall “acreditava que os navios espanhóis, vendo sua Esquadra à distância, tentariam escapar antes que ele se pusesse à entrada da barra. Ou, ao menos, que os inimigos deixariam sua Esquadra entrar sem oposição. Acrescentou que não tinha ordem de atirar sobre eles, neste caso. Eu o avisei de que não se fiasse demasiadamente.” Diante do pedido de Mac Douall, Boehm determinou à sua artilharia e às embarcações fundeadas que não fizessem fogo sobre os espanhóis, caso se retirassem.

Robert Mac Douall estava decidido a proceder conforme o seu discurso. Curiosamente, contradizia a orientação do vice-rei. Pelo projeto de Lavradio, a Esquadra submeteria os fortes, baterias e, principalmente, a esquadra espanhola, a intenso fogo de artilharia. Previa-se que a batalha entraria noite adentro. Assim que escurecesse, iniciaria o traslado dos granadeiros e infantas luso-brasileiros. Após as missões de assalto determinadas a esta vanguarda, as demais tropas comandadas por Boehm também atravessariam o canal para os combates em terra. Tratava-se de uma batalha com simultaneidade de tropas de mar e terra. Mas os procedimentos anunciados por Mac Douall não configuravam essas ordens do Rio de Janeiro e as adequações concebidas por Boehm.

Decidido a levar o seu projeto adiante, às 16h, Mac Douall retornou ao Lagamar. Boehm o acompanhou. Entretanto, o vento estava muito forte e o irlandês não conseguiu regressar à Esquadra no seu escaler. O tenente-general convidou-o para

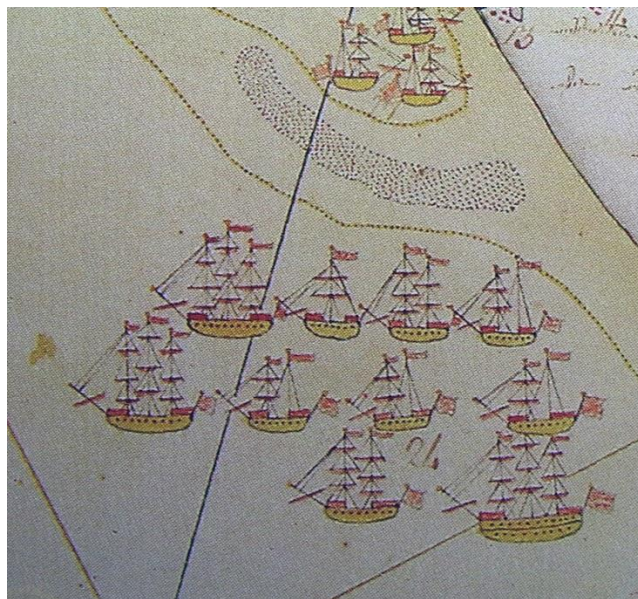


Fig. 5. Área 24: “Aonde a Esquadra dá fundo o dia 17 de abril [fevereiro] 1776”, na costa atlântica, antes de entrar no canal do Rio Grande e participar do combate naval em 19. Acima, no Lagamar, ancoragem de três sumacas das contratadas para abastecer o Exército do Sul. Detalhe. *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa no Rio Grande de São Pedro no dia 19 de fevereiro de 1776, comandada por Guilherme Roberto Mak: do Val, chefe de Esquadra e comandante de todas as naus de guerra de Sua Majestade Fidelíssima na América. 1776.* Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty.

alojar-se no seu quartel. Ali prolongaram as conversações. Na manhã do dia 16, Mac Douall despediu-se do estado-maior de Boehm, embarcou no escaler da nau *Santo Antônio* e se dirigiu à fragata *Nossa Senhora da Graça Divina*. Em um ritual portentoso de anúncio de que sua esquadra iria se movimentar, hasteou bandeiras, ornamentando de coloridos os mastros. Aos práticos, juntaram-se outros conhecedores da barra e do canal, enviados em batéis a remo. Boehm deixou suas jangadas como flutuantes inúteis em terra...

Na reunião de comandantes, Mac Douall repassou as hipotéticas operações de “seu” plano de batalha, caso os castelhanos se metessem... Ele entraria a bordo da chalupa *Expedição*, que tinha capacidade de manobra e baixo calado. Com ela à frente da esquadra, adentraria para o espaço de batalha, a qual, era quase certo, os castelhanos evitariam de travar. Posicionar-se-ia no início do canal, cobrindo o ingresso das demais embarcações, com seus 12 canhões, de calibre de 6 libras, especialmente respondendo o fogo do Forte do Mosquito, caso sua guarnição tivesse ousadia.

A fragata *Nossa Senhora da Graça Divina*, com seus 32 canhões, de 8 libras, com 200 homens a bordo, abria o cortejo. Sendo a mais robusta da esquadra, sua missão, por suposição, era travar um combate particular com o bergantim *Santiago*, embarcação capitânia dos castelhanos. A fragata *Nossa Senhora da Glória*, e as corvetas *Nossa Senhora da Vitória* e *Nossa Senhora da Penha de França*, segundo José Correia Lisboa, enfrentariam os barcos espanhóis posicionados em sequência pelo sistema de regeiras, no ancoradouro ao lado do canal de navegação, de passagem obrigatória. As sumacas e o bergantim concentrariam os seus 38 canhões na *Pastoriza* e demais embarcações pequenas, além de, eventualmente, se fosse necessário, auxiliariam as fragatas e corvetas caso estivessem em perigo.

Durante dois dias, os oficiais da esquadra ficaram organizando a entrada na barra.

Tomaram medidas para as embarcações adquirirem maior fluidez, transportando para terra, em pequenas embarcações, grande parte da carga. Os práticos encarregaram-se de novas medições de profundidade e sinalizações dos bancos de areia. O ingresso, no entanto, dependeria do vento. Como a esquadra estava ao norte do canal, ainda mudaria a ancoragem e, no outro fundeio, esperaria o vento do quadrante sul, que pudesse impulsioná-la até a junção com a flotilha do mar de dentro, no Patrão-Mor.

6. Entrada desastrosa.

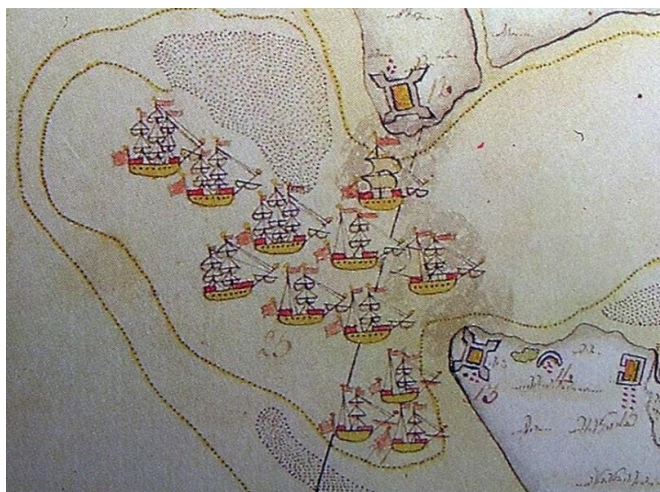


Fig. 6. “Aonde a Esquadra deu fundo a primeira vez no dia do combate”.

Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa...

Com Mac Douall novamente embarcado na fragata *Graça*, no final da tarde de 16 de fevereiro de 1776, a sumaca *Monte* suspendeu âncora e foi fundear junto ao banco de entrada da barra, com seis braças (13,2 m) de profundidade. Às 9h, de 17, a lancha da *Santo Antônio* distribuiu ordem para as demais embarcações velejarem até a marcação da sumaca *Monte* e ali ancorarem. Como o vento era favorável, de nordeste, em torno do meio-dia já se encontravam no novo fundeadouro. No outro dia, domingo, o vento apertou e rondou para terra. A fragata *Graça* e as de maior tonelagem colocaram mais uma âncora. Aumentou a correnteza do canal em direção ao Atlântico. O tempo virou. A noite “se pôs muito tenebrosa de chuvas, trovões e exalações, a que geralmente os marítimos chamam *corpo-santo*”, escreveu o piloto José Correia Lisboa. Mas, a partir da meia-noite, o vento de oeste foi diminuindo, amainando as condições do mar.

As tripulações, devido a constante faina dos últimos dias, proteção das embarcações ameaçadas pelo vento e temporal, estavam extenuadas.

Às 4h, o vento girou e firmou no quadrante propício para a entrada na barra. Mac Douall mandou aprontar as embarcações. O dia 19 “amanheceu com vento galerno (brando) pelo sudoeste. Fez logo o chefe sinal para fazer à vela para dentro. E, ao mesmo tempo, meteu-se no seu escaler a dar providências aos que lhe parecia tinham algum atraso”. Depois de falar com todos, seguiu para os bancos de areia submersos da barra. Chegando ali, ordenou que a lancha da nau *Santo Antônio* fundeasse no limite do banco do norte. Ao mesmo tempo, a lancha que transportou os práticos de terra, ancorou junto ao banco do sul. Dessa forma, ambas serviam de sinalização para a esquadra passar entre elas e não encalhar. Providencialmente, cada uma mantinha a bordo “um ancorote, com um virador de linho, para socorro de espiar, em alguma necessidade.” Ou seja, mesmo que alguém encalhasse, ainda tinha o recurso de “espiar” – puxar a embarcação para o canal através de espias (cabos).

Com as marcações das lanchas nas extremidades dos bancos submersos, a esquadra passou a barra às 7h e... Surpresa geral! Mac Douall ordenou que ancorasse, novamente, “na parte de dentro do banco”, próximo ao forte do pontal setentrional. Justificativa: a fragata *Graça* precisava refazer o seu lastro com água e transferir a artilharia do porão para o

convés. Para manter a simetria de seu plano, todos executaram a complicada operação de fundear naquelas condições, aproando quando já singravam com o impulso perfeito rumo à montante, com velame regulado para vento de $\frac{3}{4}$ de popa. Tecnicamente, ancorar implicava em inverter a posição, colocando a proa para a saída novamente, em direção ao mar. A confusão que adviria seria o corolário dessa determinação.

Ainda conforme José Correia Lisboa, enquanto a tripulação da *Graça* executava o extenuante trabalho, especialmente de cavalgar os canhões, Mac Douall percorreu o

bordo de todas as embarcações da esquadra, a fazer recomendar a todos os comandantes o cuidado de terem tudo bem disposto para o combate, o qual devia ser somente a tiro de bala e nunca abordagem, nem se meteriam entre os navios inimigos e a terra do sul, e teriam um competente cobro de amarra da âncora, a que deviam dar fundo habitado, distância mediana, a fim de não estorvar a gente de seus postos para andar com ela, e esperava em todos o haverem-se com aquele valor, que esperava de suas pessoas.

Feitos os discursos, navegou para o forte da barra, onde se encontrava Boehm, com a tropa formada para a transposição do canal. Depois de parlamentarem, reembarcou e mandou que todas as embarcações transferissem para o Lagamar as suas lanchas. Manteve somente a do bergantim para socorro. As embarcações miúdas da esquadra estavam sendo colocadas à disposição do tenente-general para o traslado dos granadeiros, artilheiros e infantes para assaltarem a margem inimiga, caso o combate realmente acontecesse. Mas a hora escolhida para o ingresso também era imprópria, demasiadamente cedo. Para o Exército do Sul ter alguma vantagem, o combate precisaria durar todo o dia, pois as tropas estavam preparadas taticamente, conforme o planejamento de Boehm, para realizarem o desembarque somente à noite, pois, a luz do dia, seriam “queimadas” frontalmente na costa inimiga.

Quando pelas 11h ficou pronta a fragata *Graça*, Mac Douall não só iria ver como também viver a sua obra...

7. Abalroamentos e encalhes.

A *Graça* armou as velas e começou a sua singradura para tomar a dianteira. Entretanto, “foi preciso passar pelos outros que se achavam fundeados, esperando o seu lugar para se fazerem à vela segundo a ordem. E como naquele lugar sempre as correntes das águas fazem desmanchar o governo às embarcações, desordenou-se a fragata *Graça*”. Abalroou a corveta *Penha*, que estava ancorada, aguardando a sua vez para entrar no cortejo. No açodamento de suspender âncora, retomar o rumo para não derivar para cima do banco, os marinheiros deixaram uma das âncoras dependurada, com arrasto sob a água. Com o choque, a sua ponta entrou no costado da corveta, sob a linha d’água, que “lhe fez um grande rombo”. A água tomou o “porão por cima do lastro”.

Para não naufragar, com duas bombas manuais de esgotamento funcionando vertiginosamente, esgotando ainda mais os marinheiros, deslocou-se para o Lagamar. Ficou próximo à terra até que conseguissem “botar a banda para tapar o rombo”. A fragata *Graça* não ficou incólume. Na abalroada, quebrou o gurupé da bujarrona, principal vela de proa. Teve que fundear de novo para os consertos.

Não bastasse estas avarias, assim que a fragata *Glória* armou velas depois da *Graça*, desgovernou e “foi caindo para cima do baixio do sul”. Antes de encalhar completamente, ancorou. A lancha da nau *Santo Antônio* foi socorrê-la, “espiondo-lhe” para dentro do canal. Enquanto a *Graça*, a *Penha* e a *Glória* recebiam os reparos, as demais embarcações ancoraram junto ao pontal do norte. Somente às 15h, a Esquadra estava recomposta para retomar a singradura. Durante oito horas, ficou exposta a possibilidade real de fogo do inimigo, que surpreendentemente permaneceu imóvel, apenas reposicionando alguma embarcação no sistema de cabeamento em regeiras. Na análise do piloto Lisboa, caso fizesse fogo de artilharia durante os reparos, “notável dano receberíamos; e entendo que poucos iriam acima, ou nenhum.”

8. O combate

Entretanto, continua Lisboa, “logo que as embarcações da Esquadra se fizeram à vela”, rumo ao Patrão-Mor, “entrou a dar fogo a fortaleza do inimigo a balas de 24 e 18” libras. Então, “a fragata *Graça* fez sinal para o combate com uma bandeira encarnada no tope de proa.” Instantaneamente, em socorro da esquadra, o forte português do pontal começou a artilhar o Fuerte del San Juan Baptista. Aos primeiros tiros, a simetria do plano de Mac Douall esboroou.

Foram seguindo as embarcações umas às outras, mas não com a ordem determinada, por não se poderem pôr em seus lugares, pois toda a diligência que para esse efeito se fez foi sem fruto. O mais preciso em que se cuidava era na defesa, dando fogo a bateria. Neste importante trabalho, já engolfada a tripulação, não é muito fácil pôr a embarcação no lugar determinado para seguir a ordem geral, mormente em uma distância curta e apertado canal, e alguns já sem cabos para manobrar as velas, sem mar suficiente para mover um bruto de madeira daqueles para um lugar apontado ao dedo. O que poderia suceder, como vinha determinado, se não houvera a desordem da abalroação, por virem de mais alguma distância, na qual se podiam ordenar melhor, ficando ou seguindo cada um ao seu próprio posto.

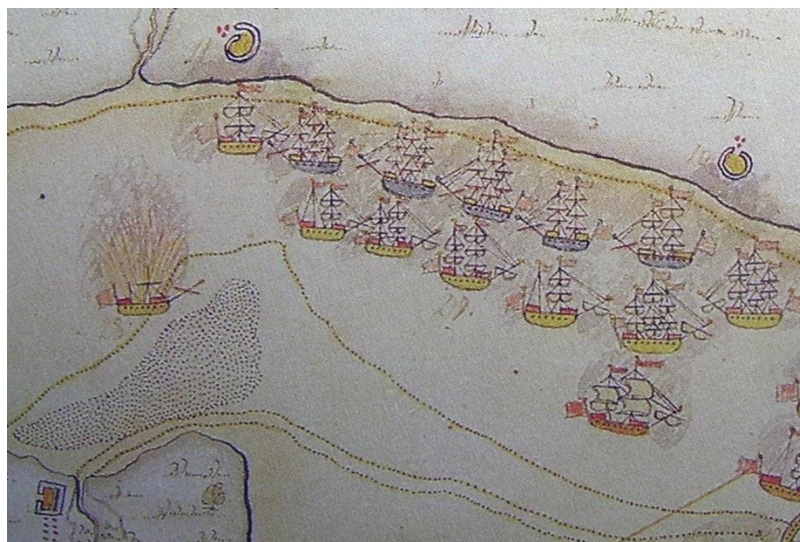


Fig. 7. “A Esquadra Portuguesa e Espanhola combatendo, principiando pelas 2 e acabaram pelas 5 horas da tarde”. Passagem e combate da Esquadra Portuguesa com a Espanhola, que se encontrava ancorada em linha na costa meridional do canal do Rio Grande. Detalhe, também, da sumaca luso-brasileira que “encalhou e se mandou queimar”. *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa...*

No começo do combate, a chalupa *Expedição* tomou seu rumo ao Forte do Mosquito. Ancorou à sua frente e começou o fogo de artilharia. As demais embarcações entraram em batalha conforme as circunstâncias permitiam. “O fogo dos fortes e navios inimigos era horroroso!” Por sorte, com a intervenção da artilharia luso-brasileira da margem norte, as embarcações espanholas não conseguiam atuar completamente livres. “Recebiam grande dano.” Como doido, Mac Douall “se meteu no seu escaler” e navegava sob intenso fogo, procurando evitar o completo desastre que se configurava.

Um comandante-em-chefe na vanguarda é uma temeridade, pois a sua morte alveja o cérebro da estratégia, perde-se o comando, gera confusão na tropa. A sua “assistência” à chalupa *Expedição* provocou o impacto negativo no moral da esquadra e das tropas do Exército do Sul em prontidão, formadas para o traslado. Um canhão do Forte do Mosquito arrombou a chalupa. O impacto foi tão fulminante que os observadores deram Mac Douall por morto. Enquanto enchia d’água, outra bala rompeu-lhe o cabo de âncora. Os tripulantes, “vendo-se desemarrados e com muita água, marearam as velas para a nossa parte do norte. Chegando ao baixio, assentou no fundo e se deitou à banda, e saltou-lhe a gente para cima do costado”. Só mais tarde, quando escureceu, as lanchas de socorro puderam resgatá-los.

Por sorte, quando a chalupa foi atingida, Mac Douall recém tinha passado ao escaler para distribuir outras ordens. Quando chegou à fragata *Graça Divina*, percebeu que a sua guarnição e marinharia estavam em completa confusão. O capitão-tenente Frederico Kasselberg havia recebido uma bala de mosquete na testa, saindo na nuca. Então, num istmo de sobrevivência, Mac Douall mandou cortar o cabo da âncora e rumar para o Patrão-Mor. Em seguida, zarpou em direção às demais embarcações ancoradas e em condições de navegar e ordenou que fizessem o mesmo, escafedendo-se ele também para a costa, buscando a proteção da artilharia de terra.

A única ação de maior perícia coube à corveta *Penha*, que havia se atrasado em consequência dos abaloamentos. Quando retornou a velejar, após consertar o rombo provocado pela âncora da *Graça*, encalhou na costa do Lagamar. Foi “espiada” pela popa e rebocada para o canal. Ao tomar o rumo à montante, em torno das 17h30min, as demais embarcações em condições de fluabilidade já tinham combatido e conseguido passar pela linha castelhana. Estavam junto à flotilha da lagoa dos Patos, comandada por Georges Hardcastle, oficial inglês, contratado por Portugal, no posto de capitão-de-mar-e-guerra.

A *Penha* fez o percurso solitariamente, como único alvo da artilharia inimiga. No caminho, ainda alvejou um lanchão inimigo que rumava para a chalupa luso-brasileira encalhada, matando parte da tripulação, arrombando seu costado, obrigando-lhe a se retirar à costa meridional. Sustentou o combate e, “sempre à vela, [passou] debaixo de um horroroso fogo de cinco navios e fortes, e foi fundear entre as mais embarcações da esquadra no forte do Patrão-Mor”, onde chegou aproximadamente às 19h. A tripulação e o seu comandante, tenente-de-mar Agostinho da Rosa Coelho, transformaram-se nos heróis do dia.

A sumaca *Bom Jesus* sequer entrou em combate. Encalhou no banco “defronte da fortaleza” de San Juan Baptista, localizada na “barra do inimigo”. Estática, os espanhóis a bombardearam até às 18h. Com o auxílio de lanchas, mesmo fazendo água, conseguiu retornar a velejar, mas encalhou novamente “na mesma coroa, mais adiante, na frente do Forte do Mosquito”, que a artilhou a vontade. As embarcações miúdas voltaram a socorrê-la, sem sucesso. Restou-lhe somente desembarcar “a tropa, a guarnição e todas as suas bagagens, cinco peças de artilharia, [...] toda a pólvora” e armas,

Fig. 8. Plano do Rio Grande de S. Pedro, com a demonstração das Fortalezas e embarcações que combaterão no dia 19 de fevereiro no anno de 1776. Casa de Ínsua, Portugal. Localiza os fortes (exceto as baterias móveis e improvisadas). Identifica as posições das principais embarcações de guerra após o combate.

10. Situação portuguesa.

Já no lado luso-brasileiro, apesar dos prejuízos, mortes, feridos e impossibilidade de transposição do Exército do Sul para a margem meridional, após análise mais detalhada, o resultado do combate naval foi ponderado em sua derrota. No pior, perdera-se a possibilidade de desembarque na costa meridional, mas, agora, os luso-brasileiros também possuíam uma esquadra robusta no mar de dentro, em condições de enfrentar a força naval castelhana.

Depois de dado como morto pelo tenente-general Boehm, às 21h, Mac Douall apareceu milagrosamente no estado-maior, juntamente com o oficial que foi ao ancoradouro do Patrão-Mor realizar o levantamento das perdas. Havia sido poupado pelo comandante da esquadra espanhola, Francisco Xavier de Morales (*Relación de lo ocurrido...*), que, ao identificá-lo em um bote, “mandé no se le ofendiese”.

Na conversa com Boehm, sem perder a pose, Mac Douall culpou meio mundo e não reconheceu a sua responsabilidade no fracasso do combate naval e a oferta de transporte para o traslado das tropas de terra para o assalto da margem meridional. “Lastimou-se de muitas coisas”, escreveu Boehm ao vice-rei. Diante do tenente-general, considerou as perdas elevadas.

Disse-me, em seguida, que aqui não havia mais nada para ele fazer. Que estava encarregado, particularmente, da conservação e defesa da Ilha de Santa Catarina. Que voltaria a bordo da *Santo Antônio*. Que o capitão Hardcastle ficaria, como o mais antigo, comandante de toda esta Esquadra, que estava bastante estragada, e onde se encontravam numerosos mortos e feridos. Que lhe daria ordens quanto às guarnições salvas dos dois barcos perdidos.

Diante de um comandante com tanta soberba na derrota, “não me opus a nada disso, deixando-o fazer os arranjos a seu *bel-prazer*, e partir quando lhe aprouvesse.” Boehm custava a acreditar no que via e ouvia de Mac Douall. Demonstrara incapacidade na entrada da barra, fora vergonhosamente derrotado e já se atribuía outra missão espetacular. “Ele permaneceu no dia seguinte e saiu, às 21h, à noite, do Lagamar. Foi-se a bordo do navio de guerra *Santo Antônio*, pôs-se à vela, deixando aqui sete navios maltratados e muito malprovidos para fazer reparações, com 760 homens a alimentar e escassos víveres.” Nessa esteira de imperícia restou ao tenente-general fazer o rescaldo. Porém, depois de avaliar a situação, concluiu que “nossa perda em homens não é considerável, não passando de 12, entre os mortos e afogados. Entre os primeiros, acha-se o comandante da fragata *Graça Divina*” (capitão-tenente Frederico Kasselberg) e 30 feridos.

No dia 22, Boehm foi “a bordo da Esquadra para ver os danos.” Depois de paciente inspeção, concluiu que os barcos poderiam “ser reparados em um par de semanas.”

O resultado desgraçadamente era aquele. Depois de aturar em tantas ocasiões o pedante Mac Douall, trocar infundável correspondência, informar detalhes, fazer a cartografia da barra e do canal, vê-lo como o pavão indispensável, senão arvorando-se como o principal, naquela operação, todas as operações precisavam ser sustadas para o conserto da esquadra. E ao finalizar seu relato para o vice-rei, em 23 de fevereiro de 1776, exclamou: “Tal é, senhor, nossa situação e minhas preocupações atuais. Entretanto, esta desgraça não me desanima por nada deste mundo.”

Em sua retirada da área de guerra, Mac Douall chegou à Ilha de Santa Catarina, em 24 de fevereiro de 1776. Fundeou a *Santo Antônio* e mandou o escaler à terra levar carta para o comandante militar, Antônio Carlos Furtado de Mendonça. Deu-lhe a versão de uma operação vitoriosa. Participou-lhe “o sucesso do dia 19” (Carta de Antônio Carlos Furtado de Mendonça a Boehm. 1º de março de 1776). Entretanto, no dia 28, quando o marechal Antônio Carlos Furtado recebeu correspondência de Boehm, teve relato mais fidedigno. Então, concluiu: “veja o mau sucesso que houve nesta expedição”.

De outro lado, desde Montevideu, em 8 de março de 1776, Vértiz, governador de Buenos Aires, transmitiu detalhes do combate ao ministro da Marinha, Julián de Arriaga, que, em Madri, defendia uma ofensiva contra os portugueses. Além de recomendar os oficiais de mar e terra, situou o episódio em perspectiva estratégica. Para ele, não restava mais dúvida: os procedimentos anteriores dos portugueses do Continente do Rio Grande “não combinavam com o passo dado pelo embaixador de Lisboa” na Europa, ao propor convenções de paz. A entrada da esquadra, em 19 de fevereiro, ratificava o plano para “invadir” o território meridional e vila de São Pedro.

A previsão se confirmou. Em início de abril, executando plano estratégico do tenente-general Boehm, as tropas luso-brasileiras desembarcaram na margem meridional do canal e expulsaram os hispano-americanos. Boehm fixou o front no arroio Chuí e forte de São Miguel, fronteira que passaria a ser ampliada pela indicação de novos limites determinados pelo Tratado de Santo Ildefonso, em outubro de 1777.

11. Representação das ações de guerra e cartografia.

Iconograficamente, como se fosse uma história ilustrada, todos os movimentos da Esquadra do Sul no Continente do Rio Grande – ancoragens, combate e chegada no fundeadouro do Patrão-mor – foram configurados na *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa no Rio Grande de São Pedro no dia 19 de fevereiro de 1776, comandada por Guilherme Roberto Mak: do Val, chefe de Esquadra e comandante de todas as naus de guerra de Sua Majestade Fidelíssima na América*, de 1776, trabalho atribuído ou sob coordenação de Jacques Funck, presente no teatro de guerra.

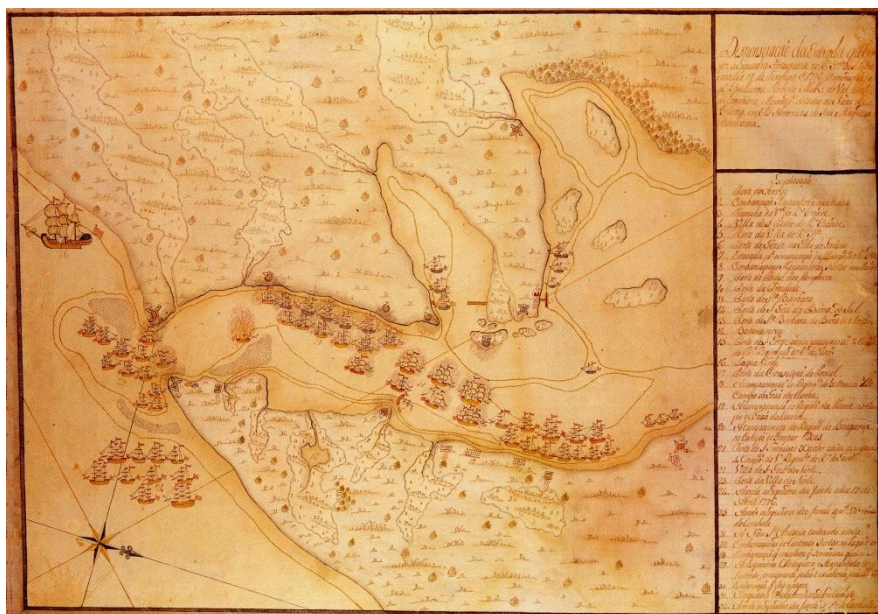


Fig. 9. Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa no Rio Grande de São Pedro no dia 19 de fevereiro de 1776, comandada por Guilherme Roberto Mak: do Val, chefe de Esquadra e comandante de todas as naus de guerra de Sua Majestade Fidelíssima na América. 1776. Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty.

Com a concentração de cartógrafos na região bélica, o canal e a lagoa dos Patos passaram a ser representados por cartas e batimetria mais confiável, a exemplo do *Plano do Rio Grande de S. Pedro com a demonstração das Fortalezas e embarcações que combaterão no dia 19 de fevereiro no anno de 1776*, original da Casa de Ínsua, Portugal, reproduzido mais acima. Destaca as posições estáticas das embarcações devidamente nomeadas e fundeadas após o combate, além de ser relativamente fidedigno quanto a rota de navegação. Expressa esse processo também o *Plano do Rio Grande de S. Pedro principiando a tirar no anno de 1776, e acabado no de 1777*, por Pedro de Mariz (ou Marins) de Souza Sarmento, que havia ingressado na barra em 20 de março de 1775, comandando a fragata *Sacramento*, no posto de capitão-tenente. Trabalho determinado por Boehm, Pedro de Mariz contou com o apoio de práticos do canal e logística do Exército do Sul. O mapa destaca o cenário das operações de guerra, indicando a batimetria do canal, a vila, a igreja de São Pedro, os fortes e baterias. Boehm considerava o *Plano* de Mariz como a melhor carta náutica produzida pelo seu exército. Conhece-se as versões do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil, e da Direcção de Infra-estruturas do Exército, Lisboa. Este publicado por André Ferrand de Almeida e João Carlos Garcia, no 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia História, Paraty, 2011.

José Correa Lisboa, primeiro piloto da corveta *Penha de França*, em 1776, também elaborou o *Plano do Rio Grande de São Pedro - Situado em 32º de latitude Sul*, com a orientação que “a entrada e saída se fará com prático do sítio, ou pondo duas marcas na boca da barra, por entre as quais se entre com vento feito. Integra o acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Talvez, o mais sofisticado seja o *Plano de la entrada del Rio Grande de San Pedro situado em la costa N.E. del Rio de la Plata em 32º de Latitud Austral, y em 325º 45' de Longitud, contada desde el Meridiano de Tenerife. Por D. Tomás Lopez. Madrid año de 1777*. O general Boehm considerou-o um prêmio inestimável quando caiu em poder de suas tropas junto com uma coleção cartográfica levantada pelos castelhanos durante a conquista e ocupação do Rio Grande (1763-1776). Encontra-se na Biblioteca Nacional da Espanha. Possivelmente, a cópia apreendida seja a que está na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

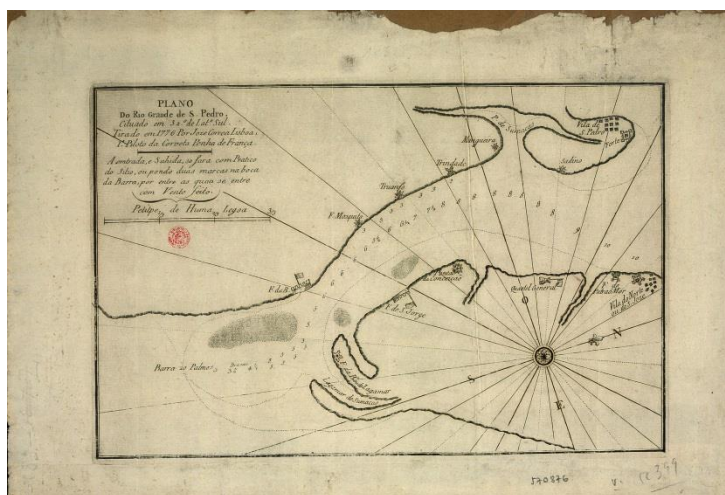


Fig. 10. Plano do Rio Grande de São Pedro. Situado em 32º de latitude Sul. Tirado em 1776 por José Correa Lisboa, 1º piloto da corveta *Penha de França*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

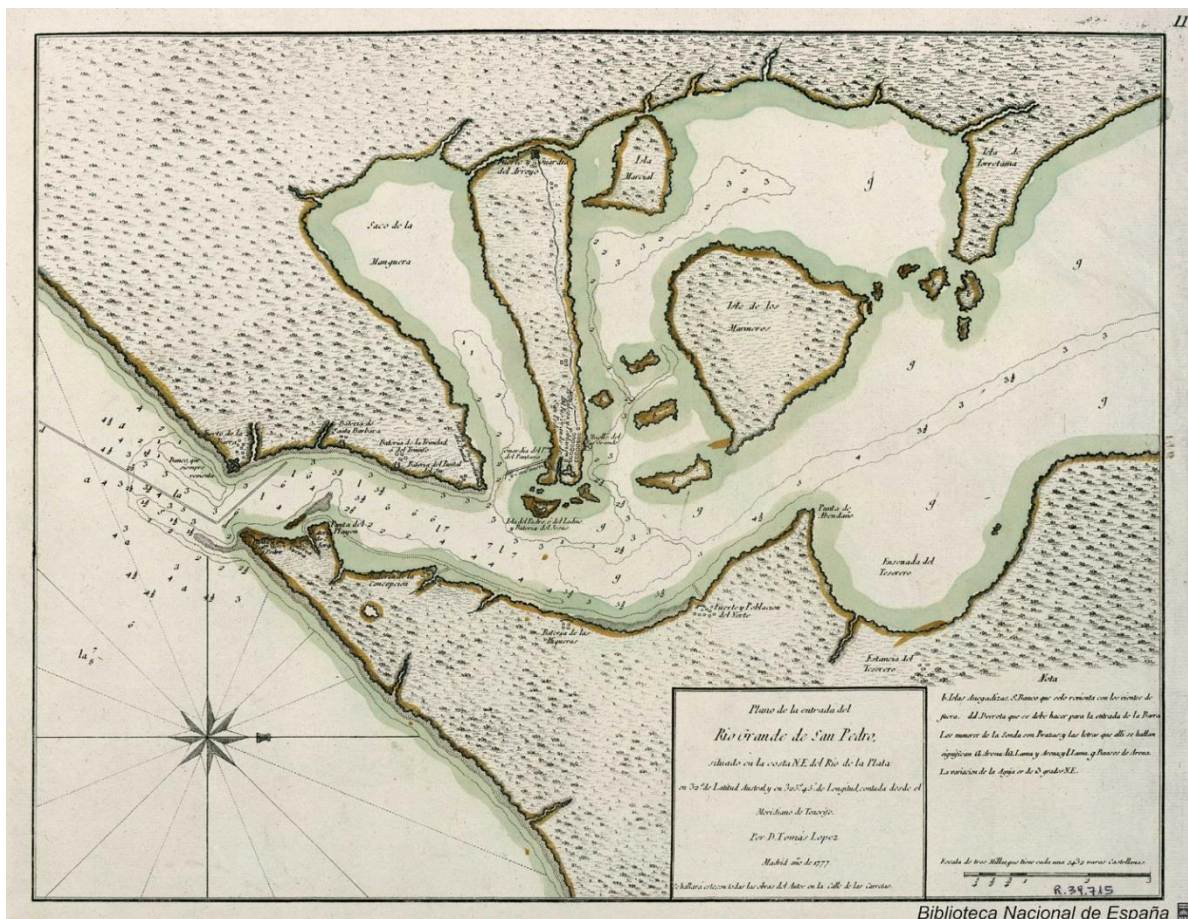


Fig. 11. Plano de la entrada del Rio Grande de San Pedro situado em la costa N.E. del Rio de la Plata em 32° de Latitud Austral, y em 325° 45' de Longitud, contada desde el Meridiano de Tenerife. Por D. Tomás Lopez. Madrid año de 1777. Biblioteca Nacional da Espanha.



Fig. 12. Plano do Rio Grande de S. Pedro principiando a tirar no anno de 1776, e acabado no de 1777. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

Bibliografia e Fontes

ALMEIDA, André Ferrand de; GARCIA, João Carlos. Os mapas do Brasil na Engenharia Militar Portuguesa (1750-1822). 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Paraty, 10 a 13 de maio de 2011.

BARRETO, Abeillard. A opção portuguesa: Restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento (1774-1777). In: *História naval brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, segundo volume, tomo II.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul/riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976, 2v.

Carta de Vértiz ao ministro Arriaga. Montevideu, 8 de março de 1776. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Tomo III. Buenos Aires: Kraft, 1941, pp. 360-361.

Carta do comandante militar de Santa Catarina, Antônio Carlos Furtado de Mendonça, ao tenente-general Boehm. Ilha de Santa Catarina, 1º de março de 1776. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: 1983, vol. 103, pp. 51-52.

Carta do tenente-general Boehm ao vice-rei marquês do Lavradio. Acampamento de João da Cunha, 23 de fevereiro de 1776. A correspondência com Lavradio encontra-se em BOEHM, João Henrique. *Mémoires relatifs à l'Expédition au Rio Grande, de laquelle je fus chargé par le Roi Dom José I. depuis le Décembre de 1774, jusqu'à sa fin à l'an de 79, avec mes lettres écrites au Marquis de Lavradio, Vice/Roi du Brésil*. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Carta do tenente-general Boehm ao vice-rei marquês do Lavradio. Fronteira do Norte, 6 de março de 1775.

CHERQUES, Sérgio. *Dicionário do mar*. São Paulo: Globo, 1999.

Comunicado de Robert Mac Douall ao vice-rei marquês do Lavradio. Bordo da *Nossa Senhora de Nazareth*, 28 de agosto de 1774. Lisboa: Arquivo Geral da Marinha.

Diário de las faenas egecutadas en el Rio Grande de San Pedro desde la tarde del 14 de febrero hasta el 21 del mismo [1776]. Londres: British Museum. Publicado em BARRETO, Abeillard. A opção portuguesa: Restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento (1774-1777). In: *História naval brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, segundo volume, tomo II, pp. 232 e 306.

Esquadra que sob o comando de Robert Mac Douall fez-se ao mar a 6 de fevereiro de 1776 para investir a barra do Rio Grande. MADRE DE DEUS, Manuel da. [suposto autor] *Diário da esquadra que saiu de Lisboa a 30 de janeiro de 1775 para o Rio de Janeiro e de lá para a concentração de Santa Catarina, destinada ao socorro do Rio Grande, sob as ordens de Roberto Mac Douall*. Portugal: Biblioteca Pública de Évora.

LISBOA, José Correia. *Mapa das embarcações que compuseram a armada naval, que saiu da Ilha de Santa Catarina no dia 6 de fevereiro de 1776 para o Rio Grande de São Pedro, dirigida e comandada por Roberto Mac Douall, chefe da Esquadra do Sul, e entraram no dia 19...* Anexo a “Relação e mapas em que se mostra toda a ordem, disposição e sucessos que houveram na tomada da terra da margem do sul do Rio Grande de São Pedro, desde o dia 6 de fevereiro do ano de 1776, em que partiu a armada naval de Portugal da ilha de Santa Catarina, até 1º de abril do mesmo ano, em que se concluiu a dita tomada da terra. Escrita por Jozé Correia Lisboa, primeiro piloto na dita armada, embarcado na corveta *Nossa Senhora da Penha de França*. No Rio de Janeiro, ano de 1776.” *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1882, tomo XLV, parte um. Cópia: Coleção Martins. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil. Este documento possui pequenas diferenças em relação ao referido por Abeillard Barreto: “Mapa das embarcações que se armaram, para irem de socorro ao Rio Grande, saindo em 6 de fevereiro de 1776 de Santa Catarina, sendo comandante o chefe da esquadra; Mapa próprio das embarcações que compuseram a armada naval, que saiu da Ilha de Santa Catarina no dia 6 de fevereiro de 1776 para o Rio Grande de São Pedro, dirigida e comandada por Roberto Mac Douall, chefe da esquadra do sul, e entraram no dia 19 do dito mês e ano.” Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. BARRETO, Abeillard. A opção portuguesa: Restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento (1774-1777). In: *História naval brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, segundo volume, tomo II, pp. 232-235 e 305.

MORALES, Francisco Xavier Morales de los Rios y Pineda Ramires de Arellano y. Relación de lo ocurrido desde que se avistó la esquadra portuguesa, hasta la función del combate que tubo contra los cinco buques de mi mando, anclados á lo largo la costa del Puntal de este rio. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Tomo III. Buenos Aires: Kraft, 1941, pp. 353-355.

Ofício de João Henrique de Boehm ao comandante militar de Santa Catarina, Antônio Carlos Furtado de Mendonça. 20 de fevereiro de 1776. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Editora do Livro, 1979, vol. 99, p. 25.

Relacion de los muertos y heridos gravemente que havido de resulta del combate que sostubieron las cinco embarcaciones de S. M. ancladas em la Costa de la varra del Rio Grande, com nueve del Rey fidelísimo la tarde 19 de febrero por espacio de tres oras largas. Relato espanhol sobre a batalha de 19 de fevereiro de 1776, concluído em Rio Grande, a 22 de fevereiro de 1776. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

FIGURAS

Fig. 1. *Mapa do Rio Grande*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

Fig. 2. *Mapa geral das Naus e Fragatas de Guerra que se incorporaram na Esquadra do Sul no tempo em que surgiu na defesa do Porto da Ilha de Santa Catarina, com as entradas e saídas que ali fizeram. Verdadeiras figuras das embarcações da Esquadra do comando do chefe Roberto Macdouall*. Atribuído a José Custódio de Sá e Faria. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

Fig. 3. *Mapa das Naus e Fragatas de guerra Portuguezas q' se emcorporaraó na Esquadra do Sul, no tempo em que Surgio no Porto de S.^{ta} Catharina, com as entradas e sahidas, q' fizeraó do d^o Porto. Verdadeiras figuras das naus e fragatas Portuguezas q' se emcorporaraó na Esq.^a do Commando do Chefe Roberto Macdouall.* Casa de Ínsua, Portugal.

Fig. 4. *Verdadeiras figuras das embarçaõens de guerra portuguezas, que surgirãõ no Rio Grande de S. Pedro no anno de 1776.* No canto inferior direito inclui o quadro intitulado: *Mapa das embarçaõens de guerra portuguezas que surgirãõ no Rio Grande de São Pedro no anno de 1776.* Carimbos: Commando Geral d'Engenharia (93); Direcção da Arma de Engenharia. - Cota antiga: A4; G1; P4; N°93 (v2726).

Fig. 5. Área 24: “Aonde a Esquadra dá fundo o dia 17 de abril [fevereiro] 1776”, na costa atlântica, antes de entrar no canal do Rio Grande e participar do combate naval em 19. Acima, no Lagamar, ancoragem de três sumacas das contratadas para abastecer o Exército do Sul. Detalhe. *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa no Rio Grande de São Pedro no dia 19 de fevereiro de 1776, comandada por Guilherme Roberto Mak: do Val, chefe de Esquadra e comandante de todas as naus de guerra de Sua Majestade Fidelíssima na América.* 1776. Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty.

Fig. 6. “Aonde a Esquadra deu fundo a primeira vez no dia do combate”. *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa...*

Fig. 7. “A Esquadra Portuguesa e Espanhola combatendo, principiando pelas 2 e acabaram pela 5 horas da tarde”. Passagem e combate da Esquadra portuguesa com a Espanhola, que se encontrava ancorada em linha na costa meridional do canal do Rio Grande. Detalhe, também, da sumaca luso-brasileira que “encalhou e se mandou queimar”. *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa..*

Fig. 8. *Plano do Rio Grande de S. Pedro, com a demonstração das Fortalezas e embarçaõens que combaterão no dia 19 de fevereiro no anno de 1776.* Casa de Ínsua, Portugal. Localiza os fortes (exceto as baterias móveis e improvisadas). Identifica as posições das principais embarcações de guerra após o combate.

Fig. 9. *Demonstração da entrada que fez a Esquadra Portuguesa no Rio Grande de São Pedro no dia 19 de fevereiro de 1776, comandada por Guilherme Roberto Mak: do Val, chefe de Esquadra e comandante de todas as naus de guerra de Sua Majestade Fidelíssima na América.* 1776. Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty.

Fig. 10. *Plano do Rio Grande de São Pedro. Situado em 32° de latitude Sul.* Tirado em 1776 por José Correa Lisboa, 1º piloto da corveta *Penha de França*. A entrada e saída se fará com práctico do sítio, ou pondo duas marcas na boca da barra, por entre as quais se entre com vento feito. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Fig. 11. *Plano de la entrada del Rio Grande de San Pedro situado em la costa N.E. del Rio de la Plata em 32° de Latitud Austral, y em 325° 45' de Longitud, contada desde el Meridiano de Tenerife. Por D. Tomás Lopez. Madrid año de 1777.* Biblioteca Nacional da Espanha.

Fig. 12. *Plano do Rio Grande de S. Pedro principiando a tirar no anno de 1776, e acabado no de 1777.* Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.